

Cleber Vinicius do Amaral Felipe
Frederico de Sousa Silva

APRESENTAÇÃO

A descida ao mundo dos mortos (*katábasis* entre os gregos, *descensus* entre os latinos) é um expediente ou um *topói* longo que remonta aos antigos mesopotâmicos e egípcios. Sabemos disso desde o século XIX, quando arqueólogos desenterraram plaquinhas com cuneiformes e exploraram câmaras funerárias de antigos faraós. Episódios como a descida de Ishtar ao Kurnugu, a trajetória da barca solar e a batalha contra as forças do caos durante as horas noturnas, a catábase dos heróis gregos e romanos em busca de informações junto aos mortos, a viagem de Dante Alighieri pelo Inferno, Purgatório e Paraíso, permitem que o estudioso se aproxime de descrições do mundo ctônico, do Hades, dos infernos, e consiga vislumbrar as expectativas e projeções datadas de uma determinada cultura, afinal, as características do além dizem muito sobre a maneira como esses povos concebiam a existência, o comportamento dos vivos e, portanto, o sentido da vida. Efetuada por meio de rituais mágicos, hecatombes ou ainda por intermédio de sonhos ou do favor divino, a descida à mansão dos íferos poderia ser realizada por deuses, heróis, mas também por homens comuns.

A catábase, ou o *descensus*, pode ser pensada também como metáfora da condição humana, como indício de uma grande provação ou sofrimento, como alegoria de uma jornada expiatória ou transformadora que revela os valores de uma época, como tópica artística capaz de evidenciar estilos ou aspectos estéticos das obras, bem como também de engrenagens sociais.

O texto que inaugura este dossiê é a tradução do artigo **What is a katábasis? The Descent into the Netherworld in Greece and the Ancient Near East** (*Les Études Classiques*, 83, 2015), de Alberto Bernabé, e apresenta uma análise rica em pormenores, que demonstra a elasticidade/recorrência da categoria *katábasis* ao explorar seus limites em um vasto repertório de refe-

rências. Aproveitamos o ensejo para agradecer ao autor por concordar com a tradução, realizada pelos professores Cleber Vinicius do Amaral Felipe (INHIS-UFU) e Jean Pierre Chauvin (ECA-USP).

Na sequência, Jacyntho Lins Brandão, em seu artigo **Grécia e Mesopotâmia: o mundo dos mortos, o rio e o barqueiro** propõe leitura e abordagem de uma das tradições mesopotâmicas e gregas relativa aos mortos, abordagem em que se aponta, para estes dois povos, que a existência humana compreende dois estados. A partir disso, Jacyntho passa a escrever sobre o mundo dos mortos e suas ideias sobre a vida no além, as confluências entre os mesopotâmicos e os gregos a respeito da continuidade da existência após a morte e seus lugares-comuns, como a presença do rio.

Em **As epístolas de Cícero no exílio como narrativa de seu *descensus***, Frederico de Sousa Silva estabelece um paralelo entre a catábase e um momento político crítico da vida de Cícero, compreendido entre 63 e 57 a. C., quando foi vítima de perseguições e optou pelo autoexílio. Por meio da produção epistolar, foram analisadas a conjunção entre elementos retóricos e a manifestação de um tom espontâneo e direto, condizente com a *persona* de um grande orador em confronto com uma Fortuna desfavorável. O afastar-se da República romana, analisado como uma forma de *descensus*, permite avaliar a maneira como Cícero lamentou o exílio e ansiou pelo reingresso na vida pública.

Zelia Cardoso nos brinda com **A presença de espectros nas tragédias senequianas**, investigando a atuação de espectros nas tragédias de Sêneca, com destaque para *Thyestes*, *Agamemnon*, *Troades*, *Oedipus* e *Hercules furens*. Embora se inspire em poetas como Eurípedes, Ésquilo e Sófocles, mas também em autoridades do tempo de Augusto, como Virgílio, Horácio e Ovídio, Sêneca teria recorrido a procedimentos criativos e originais, originalidade esta que não prescinde de práticas retóricas e dramáticas, às quais o autor teria somado sua sensibilidade poética. O estudo enfoca a maneira como são encenados o “deslugar” do morto e o lugar do vivo, que deveria viver em conformidade com a *pruden-*

tia estoica. Dentre os episódios analisados pela autora, consta o relato de Teseu sobre os ínferos, presente em *Hércules furioso*, e a atuação da sombra de Tântalo em *Tiestes*.

No artigo **A “catábase” de Atreu em *Tiestes*, de Sêneca**, Cleber Vinicius do Amaral Felipe retoma elementos da *inuentio*, *dispositio* e *elocutio* da tragédia senequiana para, na sequência, analisar a produção de um *locus horrendus* onde Atreu, rei de Micenas, sacrifica os filhos de seu irmão, Tiestes, para preparar um banquete nefasto. Felipe aproxima o episódio de uma catábase ao analisar a presença de elementos comuns às descrições dos infernos, que cumprem o papel de amplificar o terror e, simultaneamente, censurar ações que não se pautam na razão, pressuposto central da filosofia estoica.

Luciane Munhoz de Omena e Pedro Paulo A. Funari assinam o artigo **Experiência social da morte em fragmento de sarcófago infantil: cortejo de cupidos dionisíacos em Isola Sacra – século II d.C.** e analisam experiências sociais da morte em contextos funerários, especialmente por meio de um friso infantil datado do século II d.C. que ilustra uma procissão de cupidos com motivos dionisíacos. Encenação do luto, mas também da “catábase”, tais registros encenam o destino dos mortos e as expectativas dos vivos.

Luís André Nepomuceno, autor do texto **Melhor seria não ter nascido: o mundo dos mortos nos Apocalipses de Pedro e de Paulo**, propõe uma reflexão sobre o *Apocalipse de Pedro* (séc. II) e o *Apocalipse de Paulo* (séc. IV), evidenciando questões históricas e demonstrando que esses registros retomam elementos clássicos, como o Hades, os quatro rios infernais, “almas dilaceradas por pássaros, presas a rodas, indivíduos famélicos contemplando alimentos saborosos, outros carregando pedras em penedos, rios de fogo”. Depois de analisar como Odisseu e Eneias desceram ao mundo dos mortos, o autor afirma que as catábases de Pedro e de Paulo “representam a iniciação aos mistérios, a legitimação das verdades do cristianismo”, ao figurar uma geografia inspirada no mundo clássico e ponderar sobre a centralidade do livre arbítrio.

Em **O amor jamais passará”: o *descensus Christi* e a vida além-túmulo**, de Porfírio Pinto, o articulista tece seu texto a respeito do *descendit ad inferos, topós* que fez parte da tradição cristã a partir do IV século de nossa era. Neste artigo, trata da descida de Cristo ao mundo dos mortos e o faz como referência para entendê-lo como metáfora da própria condição humana, isso com o intuito de dar fundamento à teologia cristã a respeito da morte.

Daniel Vecchio Alves investiga algumas representações de espaços imaginários concebidos no Medievo em **Morte e vida peregrina: as representações do paraíso terreno e do purgatório na Baixa Idade Média**, voltando sua atenção, especialmente, para o texto *Navigatio Sancti Brendani Abbatis*, de São Brandão, e para a construção do Purgatório na *Commedia*, de Dante Alighieri.

Letícia Simões Malerba, no texto **Usos da éfrase na representação do Diabo dantesco**, analisa alguns elementos retórico-poéticos mobilizados na descrição do Diabo, que segue confinado no último círculo infernal da *Divina Comédia*, no qual são punidas as almas dos traidores. Dentre os artifícios empregados, a autora retoma, especialmente, as descrições efrásicas, que buscam produzir vivacidade potencializar o *ut pictura poesis* horaciano, que sugere uma analogia/correspondência entre pintura e poesia.

No artigo **O livro desde a morte: as ficções de Memórias póstumas de Brás Cubas**, Lainister de Oliveira Esteves retoma o clássico de Machado de Assis, publicado em 1880, para refletir sobre a prosa ficcional do século XIX e historicizar noções como autoria, narração e representação. Embora o protagonista da trama não efetue, propriamente, uma catábise, as preleções de um morto ajudam a pensar a “ficção de autor” e os sentidos de uma narrativa ou memória póstuma que escancara a perspectiva não de um vivo que desce para consultar as almas, mas

de um morto que regressa para escancarar as hipocrisias do vivo e as ferramentas literárias de sua época. Ao equiparar, por exemplo, Machado de Assis e Dostoiévsky, o autor se depara com narrações provenientes do subsolo e do sepulcro, que “exemplificam a condição metaficcional da literatura oitocentista e seu funcionamento a partir da formulação de preceptivas atualizadas na recorrência das publicações”.

Augusto Rodrigues da Silva Junior e Marcos Eustáquio de Paula Neto nos brindam com **Catábise e Tanatografia em Dostoiévski: o subterrâneo na decomposição biográfica da prosa de deformação**, artigo que se centra em Fiódor Dostoiévski e em suas obras *O Crocodilo* (1864), *Memórias do subsolo* (1864) e *Bobók* (1873). Os autores vão, assim, discutir os preceitos sobre catábises e sobre a teoria da Tanatografia nesses romances russos.

Em **A morte como quase acontecimento em Toni Morrison**, escrito por Beatriz Castanheira, nos deparamos com um estudo do livro *Amada (Beloved)*, publicado em 1987. A obra, que tem por objeto o tema da escravidão e busca inspiração na história real da escrava Margaret Garner, foi analisada pela autora a partir do sobrenatural, expediente que percorre toda a trama e se manifesta, por exemplo, através da aparição de mortos. No texto **O jogo eletrônico Soma: Uma katábise**, Iris Maitê Fullas Aguiar analisa o jogo *Soma* (2015) e interpreta a jornada do protagonista, *Simon Jarret*, como uma catábise. Embora seja uma personagem ordinária que não conta com o favor divino, sua trajetória apresenta elementos comuns à descida ao mundo dos mortos.

Por fim, na seção de resenhas, Jean Pierre Chauvin oferece aos leitores um comentário ao livro **Como Derrotar o Turbotecnomachonazifascismo ou seja lá o nome que se queira dar ao mal que devemos superar** (2020), de Marcia Tiburi.

